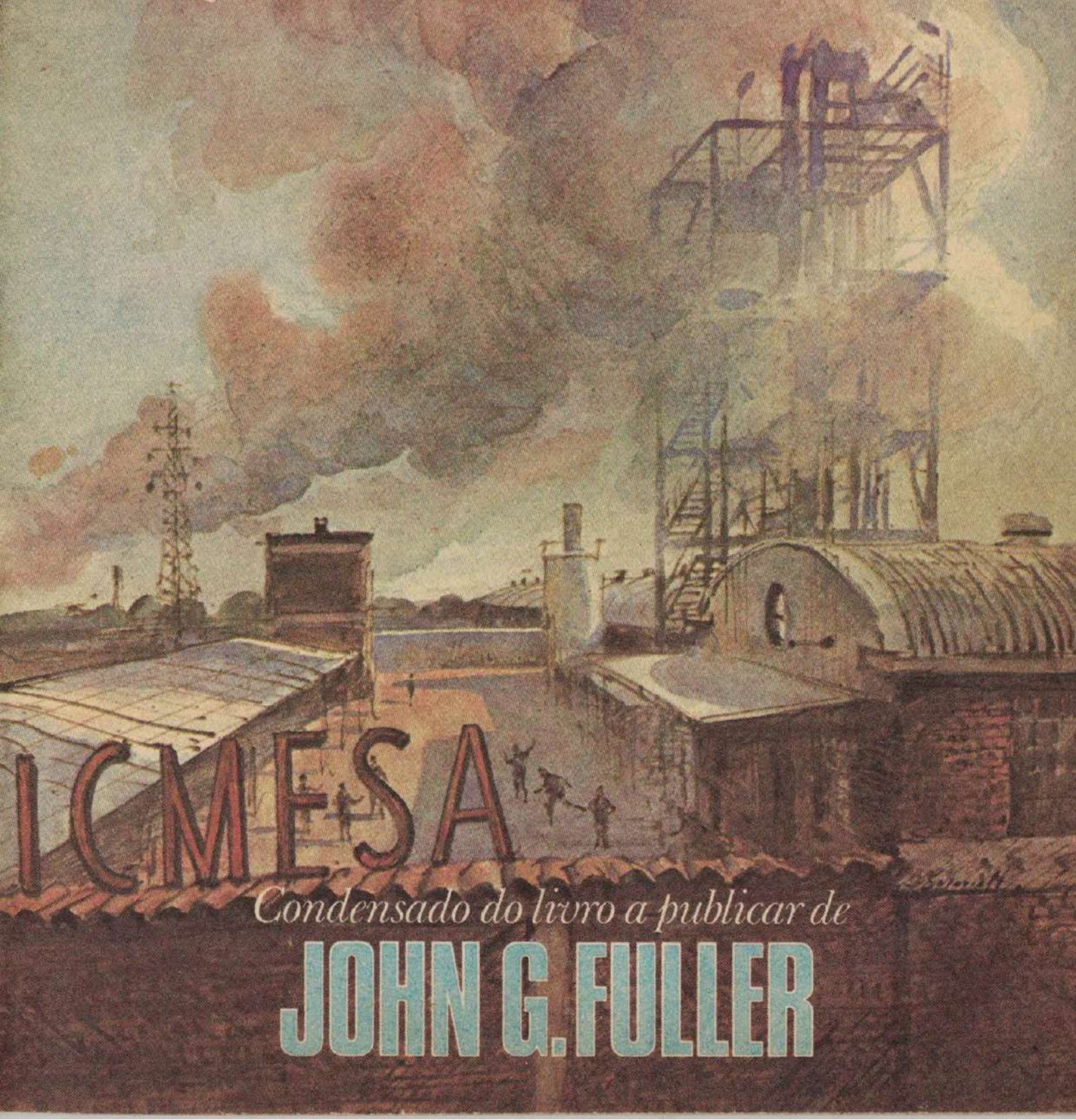


Seção de Livros

# O VENENO QUE CAIU DO CÉU



*Condensado do livro a publicar de*

**JOHN G. FULLER**

«Era uma vez uma cidade onde toda a vida parecia decorrer em harmonia com o meio. Depois, estendeu-se sobre a região um mal estranho. Moléstias misteriosas dizimavam as galinhas; o gado definhava e morria. Por toda parte pairava a sombra da morte. Os fazendeiros falavam de muitas doenças no seio de suas famílias. Na cidade, os médicos estavam cada vez mais intrigados com as novas formas de enfermidades.

«Nas goteiras por baixo dos beirais e entre as ripas dos telhados, ainda havia vestígios de um pó branco, composto de pequenos grãos. Semanas antes, ele tinha caído como neve por cima dos telhados e dos gramados, dos campos e dos rios.

«Esta cidade não existe na realidade. Não conheço nenhuma comunidade que tenha sofrido os infortúnios que descrevo.»

Quando Rachel Carson, especialista em meio-ambiente, escreveu estas arrepiantes palavras em 1962, em *Silent Spring*, não tinha a mais leve suspeita de que certos aspectos da sua tragédia, então imaginária, iriam revelar-se em toda a sua brutal realidade alguns anos mais tarde.

JOHN G. FULLER

**A** MAGNÍFICA auto-estrada Milão – Como avança quase em linha reta para o norte, em direção aos Alpes e aos lagos italianos tão decantados desde o começo da História. Quase a meio, no maciço suave e verdejante do vale do Pó, um sinal indica o caminho para Seveso, cidade de 17 mil habitantes. Ao longo da estrada, encontram-se fábricas modernas, par-

tes dos tentáculos industriais que se estendem de Milão. Apesar disso, ainda ali se vêem trigais e milharais, pomares verdejantes, longas filas de bosques de amoreiras e pequenas vivendas construídas com todo o carinho pelos seus habitantes.

Era assim o lar de Gino Zorzi, feito com grande orgulho nos fins de semana e feriados, no decorrer de 20 anos. Nada ali parecia obra de

# O VENENO QUE CAIU DO CÉU

amador: soalhos de madeira, iluminação indireta, espessas paredes de alvenaria para protegerem a casa do calor no verão e do vento frio dos Alpes no inverno, sólido teto coberto de telhas vermelhas. À volta, ao longo da Via Carlo Porta, encontravam-se outras

casas, construídas com o mesmo cuidado, ostentando a maior parte delas quintais cheios de verduras.

Sábado, 10 de julho de 1976, foi um dia especial para todos os Zorzis. Naquela noite, a filha Giuliana ia comemorar seus 18 anos com uma festa no terraço. Ao meio-dia, Milena, sua mãe, já estava no terraço, acabando a decoração da mesa. Depois, às 12:30, decidiu descansar um pouco e ir almoçar com o marido na cozinha. Foi então, logo a seguir, que se ouviu um forte ruído, agudo como um silvo, horrendo e aterrador. Nunca tinham ouvido nada de parecido.



RAYMOND DAROLLE/EGMA

ALGUMAS casas mais abaixo, na Via Carlo Porta, a Sra. Licio Cassio estava almoçando com a família. A seu lado, encontravam-se as duas filhas mais novas, Elda, 12 anos, e Paola, de 10, e seu filho Carlo, de 20 anos, que acabava de chegar da biblioteca com

alguns livros de arquitetura, para seu curso na Universidade de Milão. Junto dele, duas gatas siamesas, Lilli e Fanny. Carlo já tinha posto em prática boa quantidade de seus conhecimentos, ajudando o pai a planejar aquela casa, que os Cassios, como os Zorzis, haviam construído pouco a pouco.

No momento em que a Sra. Cassio estava acabando sua refeição, foi surpreendida por um medonho ruído sibilante. Na parede, o relógio marcava 12:37.

POUCO antes das 12:30 daquele sábado de julho, Viro Romani, téc-

nico da fábrica de produtos químicos Icmesa, situada precisamente a norte de Seveso, estava acabando de almoçar. Nesse dia, a fábrica não funcionava. O último turno havia largado às seis da manhã, e agora ali se encontravam apenas 10 dos 160 empregados, ocupando-se de trabalhos de conservação e limpeza. Além de matérias-primas para perfumes e cosméticos, a fábrica Icmesa produzia triclorofenol, substância usada para fazer um herbicida e desfolhante chamado 2,4,5-T, e também o bactericida hexaclorofeno.

A Icmesa não comercializava diretamente seus produtos. O triclorofenol (conhecido como TCP) era fabricado para uma companhia suíça do mesmo grupo, a Givaudan, que, por sua vez, era subsidiária da Hoffmann-La Roche, uma das maiores companhias de produtos farmacêuticos no mundo inteiro. A Givaudan utilizava o TCP apenas para produzir hexaclorofeno, ingrediente ativo em muitos sabões cirúrgicos.

O reator químico para produzir o TCP tinha sido desligado essa manhã. De qualquer maneira, Viro não trabalhava naquela seção. Depois do almoço, foi à cantina da fábrica com outros trabalhadores. Antes de poder tomar o seu *espresso* foi surpreendido por um estrondo medonho. Todos os trabalhadores que, juntamente com ele, estavam na cantina deram um pulo. O estrondo foi seguido de imediato por um ruído sibilante e ensurdecido.

Viro e seus companheiros correram para fora. Com um ruído característico de tremenda pressão, uma nuvem enorme branco-acinzentada estava escapando da válvula de segurança do reator do TCP. Dentro de instantes, caíam em volta deles pequeníssimas partículas semelhantes a areia muito fina. Um nevoeiro espesso, branco, cheirando a remédio e a cloro, cobria tudo.

Correndo de volta ao interior da fábrica, Viro viu o encarregado de produção precipitar-se para a sala dos reatores, protegido com uma máscara conta gases. O homem girou o volante da válvula para deixar penetrar água no sistema de esfriamento do reator, de modo a fazer baixar a elevada temperatura gerada. Mas já tinham passado mais de cinco minutos. A nuvem, enovelando numa massa densa, alastrava-se lenta e inexoravelmente para sul, por cima de parte de Seveso, em direção a Milão. Em breve, tinha percorrido mais de 5km e as partículas brancas já caíam silenciosamente sobre os telhados e os campos, mas ninguém ainda sabia que essas partículas continham um dos mais ativos venenos conhecidos do homem.

### Atividade normal

QUANDO Gino e Milena Zorzi ouviram o som sibilante, precipitaram-se para o terraço. Por trás das casas vizinhas, apenas a quilômetro e meio, estava-se formando uma nuvem, enchendo o céu e rolando

em direção a eles como uma enorme casquinha de sorvete. Era uma nuvem pesada, cinzenta, enrolando-se sobre si própria e mudando subitamente de cor para tomar tonalidades diferentes. Daí a instantes, encontrava-se por cima de suas cabeças, deslizando vagarosamente para sul, levada pela brisa.

Da nuvem começou a cair uma neblina de cheiro acre, que se estendia por toda parte, pousando em cima das árvores, do gramado, do milharal do lado de lá da estrada e, para grande consternação de Milena, nas louças. Tapando o rosto com um lenço, ela começou a tirar os pratos das mesas.

«Que coisa horrível, logo hoje no aniversário da Giuliana!» disse o marido.

Tossindo e esfregando os olhos, que subitamente tinham começado a comichar, Gino Zorzi apressou-se a fechar as janelas e as persianas.

Em casa dos Cassios, a reação foi semelhante. A Sra. Cassio e os filhos saíram para ver aproximar-se aquela nuvem imensa, mas, quando as partículas úmidas caíram sobre ela, apressou-se a fechar as crianças em casa e baixou logo as persianas.

Alarmado, Carlo foi para casa de um amigo que morava próximo. Lá, uma senhora idosa, doente do coração, tinha desmaiado. Carlo e o amigo conseguiram reanimá-la, e depois chamaram a polícia.

Carlo apenas conseguiu saber que a nuvem provinha de um acidente na fábrica Icmesa, nas proximidades. Não satisfeitos com isso,

Carlo e seu amigo decidiram ir à fábrica. Ali disseram-lhes que não se preocupassem; tudo se normalizaria quando o ar ficasse limpo. De regresso à sua rua, encontraram vizinhos queixando-se de dores de cabeça e de uma sensação de ardência na pele e nos olhos. Isto, porém, não era nada de novo, pois a poluição resultante das muitas fábricas existentes na região era um fato corrente, embora sob uma forma muito mais benigna.

Enquanto isso, Milena Zorzi estava ocupada limpando o terraço do jardim para a festa de aniversário de Giuliana. Esfregou cuidadosamente as mesas, tirando o pó branco que sobre elas caíra. Depois, pegou alguns dos melhores pêssegos, ameixas e damascos, e os colocou em tigelas como centros de mesa. Apesar do cheiro acre, a festa de Giuliana foi animada até tarde.

Na manhã seguinte, os Zorzis limparam o terraço e depois, bem cedo, tomaram um ônibus para a região dos lagos, onde estava Fabio, seu filho de oito anos, num acampamento. A Sra. Italia Bruno, irmã de Milena Zorzi, observou que a fina poeira branca da véspera se tinha transformado. Por toda parte, em cima das árvores, plantas, campos e jardins, viu uma camada brilhante, oleosa. Parecia que nada tinha escapado.

Em casa dos Cassios, a Sra. Cassio acordou com uma lancinante dor de cabeça e os olhos inchados. Pensou em ir ao médico no dia seguinte se não se sentisse melhor.

NESSE domingo, em sua casa em Seveso, o presidente do município, Francesco Rocca, estava lendo um livro quando dois técnicos da fábrica Icmesa o procuraram. Informaram-no de que havia escapado da fábrica um produto químico que se suspeitava que fosse TCP, o qual provocava forte irritação, mas não era considerado gravemente perigoso. Na segunda-feira, quando a fábrica reabrisse, seria entregue um relatório mais completo. Iam ser mandadas para a Suíça amostras do produto químico que se evolará. Os técnicos sugeriram que, enquanto não chegasse uma análise exata, seria bom prevenir a população da zona para não comer frutas nem verduras dos seus quintais, durante algum tempo. Rocca tomou as disposições que lhe aconselhavam e deu conhecimento do caso às entidades sanitárias, que começaram a investigar o assunto.

As crianças da Via Carlo Porta e das ruas vizinhas entregaram-se às suas costumeiras ocupações de domingo. O dia era quente e ensolarado, e a piscina no centro de recreio estava convidativa, apesar do cheiro de remédio que exalava. No campo de beisebol, disputava-se animada partida, e os garotos mais novos torciam, brincavam ou davam cambalhotas no gramado. Os pessegueiros, damasqueiros e ameixeiras eram particularmente tentadores para as crianças. Por outro lado, em muitos quintais de Seveso, como de costume, apanhavam-se verduras para cozinhar.

Na segunda-feira de manhã, tudo parecia ter voltado ao normal na fábrica Icmesa. Apenas a zona contígua ao reator de TCP tinha sido isolada. Os trabalhadores comentavam entre si o que teria podido acontecer. Sabiam que a temperatura do reator atingia habitualmente 140°C a 170°C. A válvula de segurança não teria explodido a não ser que a temperatura tivesse ultrapassado 240°C, o que indicava uma violenta e inesperada subida de calor. Com otimismo, notaram que o vento havia soprado no domingo e dispersado a nuvem, levando-a mais para sul.

Os funcionários do Serviço de Saúde observaram também que os trabalhadores pareciam não ter sofrido qualquer dano. Em vista disso, apresentaram ao presidente do município um relatório relativamente tranquilizador.

Fora do terreno da fábrica, técnicos da Icmesa estavam recolhendo amostras de folhas, grama e solo, a fim de mandá-las para a Suíça. Trabalhavam discretamente e poucas pessoas repararam neles.

### **Crescente inquietação**

NA SEGUNDA-FEIRA de manhã, a Sra. Cassio foi consultar seu médico de família. Tinha o ventre inchado e os olhos também. Doíam-lhe as costas e continuava com dor de cabeça. O médico pouco mais lhe pôde dizer a não ser que ela devia ter sofrido uma forte reação alérgica provocada por qualquer coisa. Se

tinha sido ou não devido à nuvem, não lhe era possível dizer.

Inevitavelmente, a ansiedade da Sra. Cassio ia aumentando. Seus instintos diziam-lhe que as partículas da nuvem talvez pudessem afetar sua família, mas só na manhã seguinte, terça-feira, viu seus receios confirmados. O rosto de sua filha mais nova estava coberto de uma erupção espessa e horrível.

Essa criança não era a única. Na quarta-feira, 14 de julho, quatro dias depois de a nuvem ter saído da fábrica Icmesa, os consultórios médicos se encheram de pessoas queixando-se de sintomas semelhantes. Começaram a fazer-se comparações. Parecia não haver dúvidas de que a doença provinha da nuvem, mas pouco se podia fazer antes de saber concretamente o que provocava a contaminação e qual o antídoto para ela. Não havia notícias da Suíça, e os dirigentes da Icmesa alegavam que nada mais sabiam além do fato de que o TCP produzia forte irritação. Embora os sintomas fossem benignos, eles estavam de tal maneira disseminados que começou a aumentar uma sensação geral de inquietação entre a população de Seveso que vivia nas redondezas da fábrica Icmesa. As horríveis erupções nas crianças, cobrindo pernas, rostos e braços, vinham piorando, e em breve surgiu algo mais.

Na quarta-feira, antes do jantar, Licio Cassio estava sentado na sala com a porta aberta, olhando para a varanda, preocupado com sua mu-

lher e seus filhos. A Sra. Cassio continuava de cama havia dois dias; não tinha melhorado, e as crianças também não. Fora da varanda, Cassio notou que a terra e a casa apresentavam o mesmo aspecto de sempre, embora algumas folhas estivessem amarelando. O céu era azul, e o sol poente batia nas árvores, a distância, com um belo tom rosado.

Um pintarroxo solitário saltitava no exterior, mas algo estranho atraiu o olhar de Cassio. A ave veio depois, em vôo irregular, para a varanda. Daí a poucos segundos, passou como uma folha seca sobre o parapeito da varanda, transpôs a porta aberta e caiu dentro da sala. Tombou no chão a seu lado e ali ficou imóvel.

Cassio aproximou-se. A ave mal respirava. Apanhou-a, levou-a para a varanda e procurou reanimá-la com o calor das mãos. O pintarroxo pareceu reagir. Ergueu-o acima do parapeito com ambas as mãos, pensando que ele ia sair voando, mas... nada disso. Caiu como uma pedra no chão.

Mais tarde, quando Carlo Cassio estava no quarto estudando, com as duas gatas siamesas ao lado, notou que Lilli não se espreguiçava como de costume; quando tentou fazê-lo, caiu para o lado. Fanny, a outra gata, caminhava pelo soalho com um andar estranho, oscilante, quase como se estivesse bêbada. Ambas miavam agora de maneira profunda, gutural e esquisita.

Gino Zorzi, durante o seu passeio da tarde, ficou surpreso ao ver

aproximar-se o cachorro de um amigo, aos ziguezagues e cambaleando, de maneira completamente diferente da sua habitual vivacidade. Daí a instantes, Gino notou muitas aves passarem voando de maneira estranha. Duas delas pareciam vacilar, e ambas caíram no chão.

Nessa quarta-feira, o prefeito Rocca ainda não tinha qualquer informação concreta. A apreensão dos médicos e das famílias vinha aumentando; o mesmo se passava com o ressentimento entre os trabalhadores da fábrica Icmesa. Estes mostravam-se profundamente ressentidos, achando que os seus chefes não lhes estavam dizendo tudo quanto eles tinham o direito de saber.

Ao meio-dia de quinta-feira, a Sra. Zorzi foi ao quintal buscar duas galinhas para o jantar. Ficou perplexa quando observou os tomateiros — pareciam queimados, com as folhas secas, desfazendo-se. Passou pela coelheira e viu que os focinhos e os olhos dos animais sangravam. Quase correu para o galinheiro e abriu a portinhola. Todas as galinhas estavam mortas. Rapidamente, ocorreu-lhe um pensamento: ela e a família vinham comendo estes animais e as verduras da casa desde que a nuvem passara por ali cinco dias antes. Ficou gelada de pavor.

No entanto, uma vez que a situação não tinha despertado a atenção da imprensa e do rádio, as notícias a seu respeito espalhavam-se muito lentamente. Os incidentes com aves

e outros animais eram dispersos. Os casos de doença eram bastante ligeiros e assemelhavam-se a indisposições de estômago ou fortes erupções da pele, que requeriam paciência.

Os médicos estavam mais preocupados pela falta de informações do que receosos. Apesar do ressentimento generalizado na fábrica, notava-se certo grau de inércia e apatia. As histórias que circulavam eram consideradas boatos, e os avisos do município, interpretados como de interesse puramente local e confinados à zona da fábrica.

Então, na sexta-feira à tarde, um bebê de dois anos foi levado às pressas para o hospital, com extensas erupções pelo corpo todo. Apesar disso, numa reunião nesse mesmo dia com os prefeitos de Seveso e da vizinha cidade de Meda, tudo que os dirigentes da Icmesa puderam dizer foi que estavam pressionando a Suíça a fim de saberem a natureza exata do veneno. Acrescentaram, porém, que não havia dúvida de que eram agora necessárias mais medidas de precaução e que os avisos deviam ser reforçados com cartazes.

### **Principia o horror**

NO SÁBADO de manhã, o prefeito Rocca se viu assoberbado por apelos e queixas. Continuava aguardando informações da Givaudan e da Hoffmann-La Roche. Nesse meio-tempo, chegaram mais notícias alarmantes. Tinham dado entrada no hospital mais 18 crianças

com terríveis feridas no corpo. Vários adultos haviam sido também internados com acne, náuseas e vômitos; entre eles estava a Sra. Cassio, que tinha piorado muito.

Agora as aves caíam em quantidade; seus corpos espalhavam-se pelos campos. Cães e gatos cambaleavam como ébrios pelas ruas; alguns morriam. Mais coelhos e galinhas apresentavam hemorragias. Lilli e Fanny, as duas gatas siamesas de Carlo Cassio, continuavam contorcendo-se de dor. Seu miar era impossível de suportar. Carlo levou-as ao veterinário, procurando, em vão, aliviar-lhes os sofrimentos.

O veterinário de Seveso recebeu-o com ar muito sério. Seu consultório estava sobrecarregado de trabalho. Os medicamentos não produziam qualquer efeito. O assassino era misterioso. Examinou Lilli e Fanny. Seu veredicto foi quase imediato: elas estavam morrendo. Carlo concordou com o veterinário; era preciso pôr fim aos seus padecimentos.

Nessa ocasião, as preocupações ainda se concentravam em Seveso. Os habitantes da povoações vizinhas consideravam-se afortunados por estarem a maior distância da fábrica. Na verdade, em Cesano Maderno, 3km ao sul da Icmesa, muita gente achava que as histórias que chegavam de Seveso eram vagas e não comprovadas.

A 20 de julho, porém, dez dias após o acidente, o veterinário de Seveso soube pelo seu colega de Cesano Maderno que também ali

estavam morrendo galinhas, patos e coelhos. A contaminação tinha avançado silenciosamente, transpondo os limites da cidade.

Em Milão, os repórteres, tardiamente, deram conta de que a nuvem de veneno podia ser uma notícia de grande importância. Bruno Ambrosi era um deles, e trabalhava para a televisão. Tinha alguns conhecimentos de química e, depois de dar uma olhada num breve relato do que se estava passando, suspeitou de que aquilo talvez não fosse um mero acidente industrial.

Entrevistando o prefeito de Seveso, verificou que todo mundo parecia na dúvida quanto à composição da nuvem, e ficou surpreso ao ver que ninguém tinha consultado o Instituto de Pesquisas Farmacológicas Mario Negri, de Milão, organismo de pesquisa biomédica muito conhecido.

Ambrosi pegou no telefone do prefeito e falou com o Dr. Luciano Manara, chefe do laboratório de metabolismo de drogas no Instituto. Na sua biblioteca, Manara descobriu que, quando o TCP ultrapassa os 200°C, forma-se uma substância chamada dioxina. Uma vez que, no acidente da fábrica, a válvula de segurança tinha entrado em funcionamento, parecia evidente que a temperatura devia ter excedido os 200°C.

Enquanto procurava rapidamente as características da dioxina, Manara sentiu um calafrio. A diferença entre os efeitos tóxicos do TCP e da dioxina era assustadora. Meio

grama de TCP mataria metade das cobaias que o comessem... mas a dioxina é dois milhões de vezes mais tóxica do que o TCP. Um estudo que ele leu dizia: «De todas as toxinas conhecidas, do tipo de pequenas moléculas, esta é a mais potente.» Esse estudo salientava que, como veneno, era incomparavelmente mais forte que o arsênio e a estricnina.

Os efeitos sobre o homem não eram mais encorajadores. O fígado e os rins podiam ser seriamente afetados. A partir de algumas semanas e até quatro meses depois da exposição, podia advir clorácne, uma doença dermatológica que desfigura as pessoas. Testes com animais tinham revelado que ligeiras exposições à dioxina produziam efeito teratogênico (isto é, podiam causar deformidades em nascituros), para não falar da particularidade de serem mutagênicas (suscetíveis de produzir mudanças nos cromossomos, o que poderia provocar câncer).

Foram «os dez minutos mais terríveis que até hoje vivi», disse o Dr. Manara a um amigo. «Nem eu nem aquela gente em Seveso fazíamos a menor idéia de quanto era incrivelmente venenosa a dioxina. Eu não queria alarimar a população, mas tinha de dizer a verdade.» Dez minutos depois, quando Ambrosi voltou a telefonar, Manara deu-lhe a pavorosa notícia, lendo-lhe a descrição da brutal toxicidade da dioxina. O efeito desta descrição foi completado nesse mesmo dia

quando os peritos suíços telefonaram ao prefeito e confirmaram a presença de dioxina nas amostras de solo, de plantas e de animais por eles analisadas.

Lá fora, começava a chover e ouviam-se os estrondos dos trovões. As luzes tremulavam. O prefeito Rocca sentiu-se como que alucinado. Tinha dificuldade em acreditar no que lhe acabavam de dizer. Sua cabeça latejava, enquanto a trovoadas e as luzes bruxuleantes tornavam ainda mais trágica a situação.

### Que fazer?

DURANTE os dez dias que se seguiram à fuga do veneno, os cientistas suíços não tinham ficado parados. Inteiraram-se de vários acidentes industriais já ocorridos com TCP na Grã-Bretanha, Alemanha, Holanda e Estados Unidos, durante os quais se havia inadvertidamente formado dioxina. A contaminação limitara-se às fábricas, mas as consequências tinham sido aflitivas: morte lenta de alguns trabalhadores, suspeitas de câncer, graves lesões no fígado e nos rins, envenenamento orgânico geral e clorácne. Todos os efeitos demoravam a aparecer; levavam semanas, meses e até anos.

Além de tudo isto, havia a incrível persistência da dioxina. Este produto era insolúvel na água. Uma vez que penetrasse numa substância, podia permanecer aí durante anos. Na Holanda, a fábrica onde se dera o acidente tivera de ser de-

molida tijolo a tijolo, e os detritos encerrados hermeticamente em cimento e lançados no mar. Na Grã-Bretanha, uma fábrica contaminada havia sido esfregada e lavada com extremo cuidado. Oito meses depois, em algumas partes do edifício ainda foi encontrada dioxina em quantidades perigosas.

Assim, a tarefa primordial dos cientistas consistia em determinar se a nuvem continha dioxina e, caso afirmativo, em que quantidade. Infelizmente, a detecção de dioxina é complicada e lenta.

As primeiras amostras de solo e poeira da Icmesa revelaram grandes quantidades de dioxina na área da sala do reator. Foram dadas instruções para colher amostras cada vez mais longe da fábrica, a fim de se definir com precisão até onde o veneno se teria espalhado. Caso houvesse atingido alguma zona residencial, agrícola ou comercial em quantidades perigosas, só uma ação seria possível: evacuação total e completa interdição da área.

Nas amostras chegadas durante a primeira semana, a presença do veneno manteve-se. Finalmente, no décimo dia, após novos testes reconfirmarem a natureza do veneno, tomou-se imediatamente a decisão de prevenir as autoridades italianas de que havia dioxina, embora não tivessem sido determinados os limites de contaminação.

As entidades oficiais agiram sem demora. Instalaram um centro de emergência numa escola primária em Seveso e pediram à equipe sa-

nitária da região que assegurasse seu funcionamento. As populações de outras cidades vizinhas, Cesano Maderno, Meda e Desio, foram avisadas de que partes dessas áreas poderiam ter sido contaminadas. Foi declarado estado de emergência. Subitamente, despontava um dos mais complexos e esmagadores labirintos sociais e médicos jamais enfrentados pelas entidades oficiais, cientistas, médicos e populações.

Que programa intensivo de exames médicos podia ser posto em prática para inspecionar os habitantes de Seveso, e os das outras áreas suspeitas? Até que distância da fábrica se encontravam animais mortos e vegetação contaminada? Onde era maior a concentração de dioxina? Onde diminuía? Onde desaparecia por completo? Quais as casas, escritórios e fábricas que teriam de ser abandonados? Onde se iria instalar essa gente? Que se poderia fazer quanto à descontaminação? E os carros e caminhões que levantavam poeira e levavam consigo dioxina? Quanta teria sido absorvida pelos adultos que viviam nas zonas contaminadas, ao comerem verduras e criação? E as crianças que não apenas haviam comido alimentos contaminados mas também tinham brincado na grama?

Poderiam ter sido afetados milhares de pessoas. Elas estavam, mais que preocupadas, sob tensão quase insuportável. Os funcionários, querendo evitar o pânico antes de uma possível evacuação geral da área, sob controle das auto-

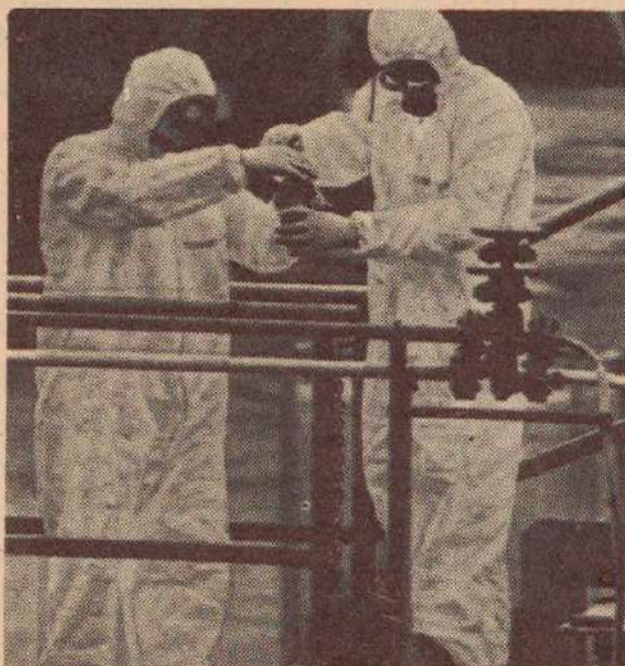
ridades, mostravam relutância em falar sobre a situação. Fortes chuvaradas trouxeram a falsa esperança de que a dioxina tivesse sido varrida com as águas. Isso era impossível; o veneno iria ficar ali por muito tempo.

## Zona A

SIMULTANEAMENTE, foram postas em execução várias operações. Primeiro, tinham de ser recolhidos os animais mortos e registrados os locais onde eram encontrados, para se ter uma idéia do alastramento da dioxina. Depois, o Dr. Carlo Binaghi, diretor do Instituto Zooprofilático da região da Lombardia, em Milão, realizaria certo número de autópsias para determinar a causa da morte e a gravidade das lesões internas sofridas pelos animais.

Ao fazer a primeira incisão num coelho, viu com espanto, quase incrédulo, que seus tecidos subcutâneos estavam anormalmente intumescidos. A traquéia tinha sofrido intensa hemorragia. O fígado e os rins apresentavam-se cheios de lesões. «Em toda a minha carreira, nunca vi uma devastação como aquela em órgãos internos», disse ele a um colega.

Numa outra frente, no Instituto de Farmacologia da Universidade de Milão, os Drs. Giovanni Galli e Flaminio Cattabeni começaram a analisar amostras de plantas e do solo, a fim de tentarem delinear por



*Uma equipe de descontaminação da Icmesa, em atividade*

WIDE WORLD

aí as zonas críticas de contaminação. Todo o laboratório farmacológico foi submetido a um programa intenso para fazer face à situação de emergência, estabelecendo-se um rodízio de trabalho de 24 horas por dia para que cerca de 100 técnicos pudessem realizar

400 testes por semana. A dioxina era tão potente que uma concentração de uma parte por bilhão já era considerada extremamente tóxica. As primeiras amostras (e as mais contaminadas) revelaram uma concentração 300 a 400 vezes superior àquela.

Enquanto isso, Vittorio Rivolta, secretário da Saúde da província da Lombardia, começou a correlacionar os elementos sobre solos e vegetação com os dados sobre animais. Os resultados foram meticulosamente afixados num amplo mapa em seu gabinete. Em breve, os territórios de Seveso, Meda e Cesano Maderno começaram a ficar cheios de pequenos sinais vermelhos, cada

um deles indicando onde tinha sido encontrado um animal morto. A contaminação alargava-se visivelmente de ambos os lados da moderna auto-estrada Como-Milão, estendendo-se pelo menos quilômetro e meio para sul da fábrica. Já tinham sido colocados sinistros avisos aos automobilistas: ÁREA CONTAMINADA. FECHER AS JANELAS. NÃO PARE. DIRIJA DEVAGAR.

Os sinais vermelhos apinhavam-se em volta das casas da Via Carlo Porta e das ruas vizinhas, no campo de beisebol, centro de recreio, piscina, cemitério e na principal artéria de Seveso, o Corso Isonzo. Rivolta ficou consternado ao descobrir que a taxa de mortalidade dos animais atingia quase 90% nessa zona.

A leste e a oeste da zona principal, num quilômetro e meio a partir da fábrica Icmesa, na parte sul de Seveso, sinais verdes concentravam-se em duas áreas, indicando animais doentes ou moribundos. Estas áreas situavam-se ao longo dos limites de Cesano Maderno, onde o veterinário estava assinalando em seu mapa animais mortos ou moribundos. Quase todos estes animais mostravam as mesmas lesões e degeneração do tecido subcutâneo e do fígado e rins, que tinham alarmado o Dr. Binaghi. Por último, sinais amarelos assinalavam os locais onde os animais não apresentavam qualquer sinal de doença.

Estudando os sinais do mapa, Rivolta notou com alívio que a nuvem de veneno não havia passado pela

zona populacional mais densa de Seveso, mas a zona definida aproximadamente como de intensa contaminação era bastante grande. Alongava-se por dois quilômetros e tinha uns 500m de largura.

Esta área foi designada como zona A. Os sinais verdes assinalavam a Zona B. Uma mistura de sinais amarelos, verdes e alguns vermelhos delimitava uma região ainda imprecisa designada por Zona de Receio: Zona R. Finalmente, depois de consultar as autoridades locais, regionais e nacionais, Rivolta ordenou, com relutância, que a Zona A fosse totalmente evacuada no sábado 24 de julho. Mais de 200 pessoas tinham de ser retiradas dali, duas semanas depois de ocorrido o acidente; entre elas, estavam os Zorzis, os Cassios e todas as famílias da Via Carlo Porta.

A ordem de retirada chegou tão rapidamente que poucos se achavam preparados para ela. Os Zorzis e os Cassios, juntamente com os vizinhos, observaram a polícia local e os *carabinieri* (polícia militar nacional) aproximar-se, com ar abatido, em marcha que nada tinha de heróica. Com delicadeza, com carinho até, encaminharam os habitantes para os carros e ônibus. Não se podia levar mobília nem quaisquer utensílios – apenas a roupa que se tinha no corpo e uma valise.

**«Se necessário, para sempre»**

POUCO depois da primeira retirada, um batalhão do exército come-

çou a estender arame farpado (quase 10km) para cercar a Zona A. Puseram também sentinelas. A ninguém era permitido entrar, a menos que estivesse vestido com uma roupa especial e protegido com máscara. Isto incluía os veterinários e os voluntários que ali iam agora matar todos os animais. Foram instalados marcos para assinalar a Zona B, sendo também mandados abater os animais dessa zona e da R.

Não era um trabalho agradável. Os homens entravam numa cidade fantasma guardada por sentinelas armadas, e iam caçar galinhas nos cercados e apanhar coelhos em suas tocas, matando-os com rapidez. Depois, metiam-nos em sacos pretos de plástico, a fim de os mandarem para o laboratório de Milão para exame. Desta maneira, foram eliminados uns 50 mil animais, a fim de se evitar o alastramento da contaminação e se obter uma indicação de onde deviam ser os limites definitivos da zona de evacuação. Patos, ovelhas, cabras e similares — tudo tinha de ser apanhado e abatido. Foram destruídos ovos, queijo e leite. Os caçadores foram prevenidos a não comerem a caça, mas entregarem-na às autoridades sanitárias. As colmeias e o mel foram destruídos numa distância de até 5km das zonas contaminadas.

Passando para a Zona B, onde as famílias ainda eram autorizadas a viver, os responsáveis por essa operação, relutantes, não encontraram oposição — apenas tristeza e desespero. Muita gente ajudava em silên-

cio nos trabalhos de extermínio, pois a pergunta em suspenso em suas mentes era: «Seremos nós os próximos a ser expulsos de nossas casas?»

Tal pergunta era justificável. O mapa de Rivolta assinalava cada vez mais animais encontrados mortos na Zona B, assim como perigosa concentração de dioxina nas amostras das plantas e do solo. Era-lhe penosa a perspectiva de ter de mandar sair mais gente de suas casas, mas, a 29 de julho, tornou-se evidente que se devia ampliar a Zona A. Desta vez, aproximadamente 600 pessoas foram forçadas a partir.

O exército estendeu mais arame farpado, e a cidade fantasma cresceu. Com exceção de algum gato ou ave mortos, não se notava sinal de danos. As casas no interior do arame farpado, com as persianas corridas, não tinham nada de anormal a distingui-las. Junto de um grande edifício residencial em construção, erguia-se um enorme guindaste. A erva continuava verde; as árvores vergadas sob o peso dos frutos. Repórteres experimentados, que tinham recentemente coberto uma enorme área devastada por terremotos no Nordeste da Itália, sentiram um estranho calafrio. Aquilo era lúgubre e misterioso, uma catástrofe desencadeada pelo homem, e que tinha acontecido quase em silêncio.

Uma das obrigações não menos prementes do secretário da Saúde, Rivolta, era procurar descobrir o

que poderia ser feito para descontaminar a terra e as casas. Tais tentativas, em acidentes do passado, tinham dado apenas medíocres resultados. Os trabalhadores holandeses que tentaram limpar uma área contaminada, usando máscaras e luvas, haviam contraído cloracne. Uma mulher lembrou: «Era terrível. Nunca vira nada semelhante. Os homens tinham grandes manchas negras no rosto.»

Nenhum dos especialistas em descontaminação consultados por Rivolta deu muitas esperanças imediatas. Os peritos italianos sugeriram que se trouxesse uma unidade de guerra química do exército, com lança-chamas para queimar o gramado e a vegetação. Isso teria criado problemas imediatos. Longe de ser destruída a essa temperatura, a dioxina ter-se-ia espalhado pelos campos com a fumaça e as chamas. A dioxina só poderia ser eliminada a temperaturas superiores a 1.000°C, e seria necessário um incinerador especialmente fabricado para isso.

A Dra. Anne Walker, dermatologista que havia tratado de operários depois de um acidente semelhante na Grã-Bretanha, concordou com os outros cientistas que exprimiram a opinião de que os efeitos da dioxina, a longo prazo, podiam passar despercebidos durante 10 ou 15 anos. Numa declaração brutalmente franca à imprensa, ela disse: «Eu mandaria retirar todo mundo das áreas contaminadas de Seveso, e não permitiria que levassem nada consigo, nem mesmo a

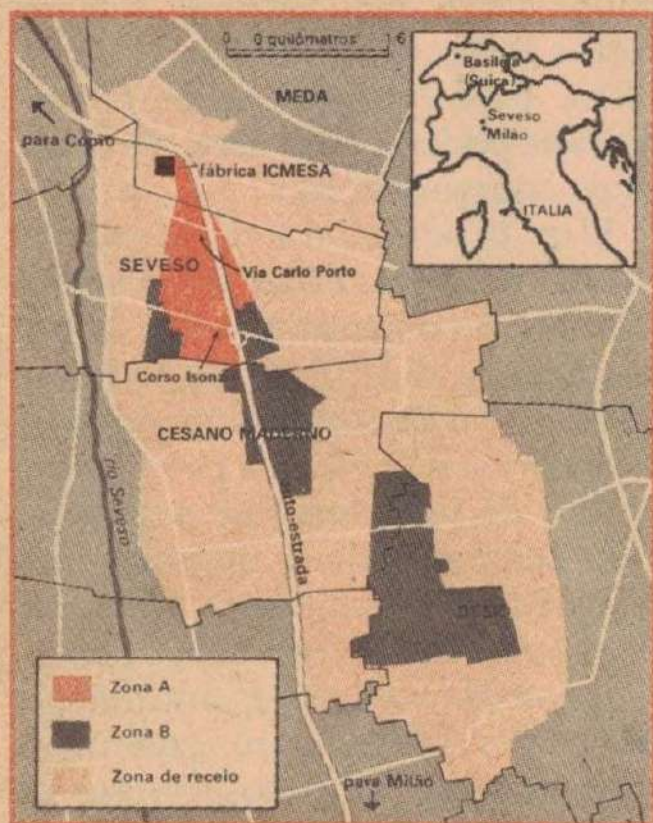
roupa do corpo. Depois, fecharia toda a zona e a interditaria, se necessário, para sempre. Só desta maneira se poderia estar certo de evitar mais contaminação.»

Um especialista do departamento de Agricultura dos Estados Unidos recomendou, entre outras medidas, a destruição de todos os edifícios e o desfolhamento de todas as árvores na Zona A, a par da construção de uma fossa de segurança para receber todo o material contaminado, e a incineração a 1.200°C de todas as folhas, rebentos e ramos.

As recomendações quanto ao que não se devia fazer eram igualmente importantes. Além dos perigos de queimar a baixa temperatura, a raspagem do solo era igualmente inútil, pois não havia onde pôr os resíduos.

A opinião da maior parte dos peritos era que se poderia fazer uma tentativa para pulverizar a área com uma mistura de azeite, a qual, se exposta ao sol, podia degradar uma parte da dioxina. A companhia Givaudan estava preparando especialistas e equipamento para fazer isso, mas as autoridades italianas entenderam que o solo, assim como a superfície dos edifícios (suas fendas e fissuras ocultas), não ficariam expostos à necessária luz do sol.

Rivolta, com a mesa de trabalho cheia de pedidos exigindo andamento imediato, resumiu, em desespero, o problema: «Ninguém tem qualquer idéia clara de como descontaminar a área nem do tempo necessário para fazê-lo.»



### A agonia humana

O FATO de não se conhecer qualquer antídoto para o envenenamento com a dioxina criava um problema especial. As medidas imediatas de primeiros socorros para minorar os sintomas iniciais do TCP eram relativamente simples, mas os efeitos a longo prazo continuavam desconhecidos, e o medo e a incerteza alastravam.

Cerca de 500 doentes tinham sido atingidos, apresentando sintomas como dolorosas lesões da pele e mau funcionamento do fígado e dos rins. Cuidar dessa gente e dos outros que pudessem ter estado diretamente expostos criava um intrincado problema médico, englobando mais de 20 testes meticulosos por pessoa, além das mais compli-

çadas técnicas de diagnóstico. Milhares de indivíduos comprimiam-se no centro de emergência instalado na escola primária de Seveso para fazerem análises de sangue.

Pequenos tubos de ensaio cheios de sangue iam sendo amontoados, enquanto centenas de pessoas desfiliavam por ali logo nos primeiros dias. Até 28 de julho, 1.577 doentes tinham sido submetidos a aproximadamente 30 mil testes individuais. O objetivo final do vasto programa médico consistia em concentrar-se em oito mil «pessoas em perigo» que haviam sido mais intensamente expostas. Aos 200 mil indivíduos dispersos por uma zona mais ampla seriam aplicadas menores medidas de controle.

Em ligação com o programa médico, havia as medidas preventivas. Todos os habitantes da Zona B, ameaçados de futura retirada se os testes mais precisos o exigissem, tinham de ser continuamente advertidos de que não deviam tocar na terra nem na vegetação, nem comer nada do que tivessem cultivado ou criado, e de que era necessário mandarem as crianças para fora da zona, de modo a brincarem só nas áreas especialmente designadas.

Sobre as mulheres que estavam grávidas pesava uma das mais tenebrosas ameaças. Elas corriam o risco de dar à luz filhos com deformidades, e esta ameaça era agravada pelo fato de, na Itália, o aborto ser punível como crime, quaisquer que sejam as circunstâncias em que se pratique. Pouco depois do acidente

da Icmesa, o novo ministro da Saúde, um democrata-cristão, tomou medidas para facilitar o aborto na área contaminada. A Igreja Católica Romana, no entanto, permaneceu inflexível em sua tradicional oposição ao aborto, embora um alto funcionário tivesse dito que a Igreja não condenaria as mulheres que, nesses casos, decidissem pôr termo à gravidez.

Mais de 100 grávidas foram consultar os centros de saúde na área. Os médicos puseram-nas perante os fatos: não havia dúvidas de que os animais no laboratório apresentavam deformidades embrionárias com concentrações de dioxina em quantidades tão baixas como 0,05 de parte por bilhão. O efeito sobre o feto humano era um ponto de interrogação. A decisão, porém, cabia à mãe, que estava indecisa entre sua própria consciência, o dogma da Igreja e as leis ambíguas do país. Não era fácil decidir.

### **Quem precisa dele?**

A MEDIDA que se tornava mais nítida a vasta extensão da catástrofe, o governo italiano criou um fundo de emergência de cerca de 40 bilhões de liras para fazer face aos encargos rapidamente crescentes com a assistência sanitária de emergência e com o realojamento das pessoas, enquanto em Basiléia, Suíça, Adolf W. Jann, presidente do Conselho de Administração da Hoffmann-La Roche, declarava que a companhia pagaria todos os prejuízos materiais

resultantes do acidente e cooperaria com o governo italiano para tentar neutralizar o efeito do veneno\*.

Levantaram-se, contudo, acusações segundo as quais a companhia tinha demorado a avisar quanto à verdadeira natureza da catástrofe. A esse respeito, Guy Waldvogel, diretor executivo da Givaudan, respondeu: «De início não se mencionou a dioxina porque só a 23 de julho tivemos elementos suficientes para estabelecer um mapa, que entregamos depois às autoridades italianas.»

Mas, então, seria possível que a válvula de segurança tivesse sido concebida para dar saída a esse veneno diretamente na atmosfera, sem um tanque de descarga ou um reservatório para receber os gases? Waldvogel pouco tinha a dizer como resposta a isso. «Não podemos na verdade fazer comentários a tal respeito», disse ele. «Tudo quanto sabemos é que ainda não dispomos de uma explicação aceitável para o que aconteceu, mas temos motivos para crer que se trata da conjugação de uma falha técnica com um erro humano.»

Enquanto isso, as famílias deslocadas estavam vivendo nos hotéis por onde tinham sido distribuídas,

---

\* No outono de 1976, o grupo Hoffmann-La Roche-Givaudan criou um fundo de 10 bilhões de liras a distribuir a título de indenização pelos prejuízos causados às pessoas e firmas na área contaminada, assim como às autoridades regionais italianas. Em Milão, foi criado um organismo para o pagamento dessas indenizações.

com relativo conforto físico mas estonteadas e confusas com a abrupta desorganização de suas vidas. Sentiam a falta de seus objetos pessoais e continuava pairando sobre elas a apreensão por aquilo que lhes poderia acontecer no tocante à sua saúde e à de seus filhos.

Uma importante pergunta sem resposta era como seria possível a uma companhia, ainda que muito poderosa, pagar o valor do que aquela gente tinha perdido. A destruição material era enorme, mas a dor e o sofrimento, o dano psicológico, o realojamento, a perda dos empregos e os prejuízos econômicos, diretos e indiretos, eram quase impossíveis de calcular.

Havia ainda outras coisas a considerar. A prestigiosa publicação britânica *The New Scientist* foi uma das primeiras a perguntarem qual era o saldo entre as vantagens e os riscos de empreendimentos químicos daquela natureza. «Toda a finalidade da fábrica de Seveso (e de outras semelhantes) foi posta em causa ao se reexaminarem os riscos contidos naquilo que produzem», dizia um artigo, sugerindo também que tanto o hexaclorofeno (para sabões cirúrgicos) como o 2,4,5-T (o desfolhante) deviam ser substituídos por substâncias mais seguras.

Esta posição era razoável. Um derivado do TCP, o hexaclorofeno, tinha causado a morte de 37 crianças na França quando lhes aplicaram uma mistura acidental de talco a 6%, em vez da usual mistura de 0,1% a 0,2% de hexaclorofeno.

Muitos sabões desodorantes contendo uma solução de apenas 1% tinham demonstrado ser suscetíveis de acumular um resíduo na circulação do sangue.

Para aquela gente, continuava a ansiosa espera. Em setembro, dois meses após o acidente, eram frequentes as dores internas, e algumas pessoas começaram a observar sangue na urina. Continuavam a apresentar graves feridas na pele. O cloracne, porém, sinal revelador do envenenamento por dioxina, ainda não se havia manifestado concretamente. Sabia-se que tinha um período de incubação que podia ir até quatro meses.

Levantou-se mesmo a questão de quem estaria pior: se as famílias da Zona A, enclausuradas em hotéis, se as que viviam em suas casas, em semi-reclusão. Todos os sapatos tinham de ser bem limpos antes de se entrar em casa, mas como podia aquela gente ter certeza de que os sapatos estavam realmente limpos, e como poderia desfazer-se com segurança dos trapos ou das toalhas de papel? Ao ginásio da escola local, as pessoas continuavam a trazer seus animais mortos, em sacos de papel. Pegavam neles como sacos de mercearia, colocando-os com um ar triste em cima da mesa e saindo em silêncio pela porta fora. Os veterinários registravam cuidadosamente os corpos e lançavam-nos nos congeladores a fim de seguirem para o laboratório de Milão. No ginásio pesava uma atmosfera de mudo desespero, de resignação.

A Zona B tinha agora sido ampliada de uns 50 para quase 270 hectares, mas não havia sido ordenada mais nenhuma retirada. Analisando o problema, o secretário da Saúde, Rivolta, tinha decidido que a tensão psicológica provocada por nova evacuação naquela área seria pior do que o risco físico de permanecer ali.

### **Futuro desconhecido**

ESTAVA-SE no princípio do outono. No Hotel Leonardo da Vinci, perto de Seveso, as crianças corriam e brincavam entre os sofás e as cadeiras, sem ligarem às pústulas negras e escarlates em seus rostos e aos muitos jornalistas que interrogavam os adultos.

Os Cassios e os Zorzis, ainda com a lembrança bem viva de dias mais felizes na Via Carlo Porta, enervavam-se com a inação forçada no hotel. «Procuramos não falar sobre isso», reconhecia a Sra. Cassio. «Os médicos disseram-nos que acumulamos dioxina dentro de nós, e que isto é uma situação perigosa. Queremos casas. Fizemos o nosso trabalho. Não incomodamos ninguém. Se quiséssemos agora vender nossas casas, ninguém as compraria. A Zona A é um deserto, abandonado apenas aos ratos.»

«Temos de rir de nós próprios», interveio Gino Zorzi. «Experimentem rir conosco. Não queremos dramatizar nada. Apenas desejamos continuar nossa vida.»

O anseio de verem suas próprias casas transformou-se em obsessão.

Sob tal pressão, as autoridades deram a várias famílias autorização especial para recuperar certos objetos especificados que tinham ficado fechados dentro de armários onde se presumia que a dioxina não tivesse penetrado.

Os Cassios estavam entre os que foram à casa da guarda, junto da delimitação de arame farpado na Zona A. Vestiram roupa branca como os astronautas, puseram máscaras, luvas e botas. Sob escolta militar, foram conduzidos a suas casas. Quando os Cassios chegaram à sala de entrada, a Sra. Cassio desfez-se em lágrimas. Pediu ao marido que se apressasse, pois havia muito para levar. Ele dirigiu-se a um armário e trouxe os pesados sacos contendo roupas de inverno. Os soldados inclinaram a cabeça em sinal de aprovação. A Sra. Cassio foi buscar os livros de estudo de Carlo; tinham ficado em estantes fechadas e foram também autorizados. Os Cassios passaram os olhos pela casa, pelos soalhos de tacos sem manchas, pela mobília da sala de jantar, a cozinha muito limpa, o banheiro de azulejos. Estava tudo precisamente como haviam deixado. De novo os olhos da Sra. Cassio se encheram de lágrimas. Partiram imediatamente. Na casa da guarda, foram a tendas especiais e tiraram as suas roupas brancas para serem queimadas. Seus haveres foram limpos pela polícia, e o carro tirado dali para ser lavado.

Apesar deste gesto bem intencionado das autoridades italianas, os

hotéis em que os retirantes estavam alojados tornaram-se verdadeiras caldeiras de pressão. Nos bares, as famílias da Zona A agrupavam-se com rostos solenes, falando baixo. A conversa era sempre a mesma. O sistema de descontaminação parecia estar parado e ser ineficaz. As pessoas receavam que a dioxina tivesse penetrado em todas as fendas, nas superfícies porosas, nas fissuras, em todos os pedaços de folhas, na casca das árvores, nos cereais, no feno, na grama, no solo. Perguntavam-se a si mesmas se alguma vez o veneno se desintegraria. O único objetivo da descontaminação consistia em evitar que o veneno se espalhasse para fora do deserto condenado da Zona A.

No entanto, ninguém sabia com absoluta certeza até onde a dioxina já podia ter chegado. Os abutres haviam-se banquetado com os animais mortos que continham dioxina, e tinham voado para longe; esses não respeitavam zonas artificiais. Caminhões e veículos militares tinham levantado poeira. Os ventos que sopravam dos Alpes haviam espalhado terra e partículas por áreas desconhecidas, talvez a quilômetros de distância. Aves,

animais selvagens e ratos também haviam saído das zonas contaminadas para lugares desconhecidos.

O caríssimo incinerador especial destinado a queimar a  $1.200^{\circ}\text{C}$  não podia ficar pronto em menos de dois anos. Os animais mortos eram empilhados em sacos de plástico por trás do cemitério murado, e continuava-se a não se lhes poder dar destino. As folhas do outono, cobertas de veneno, tinham de ser pulverizadas com uma cola química para impedir que se espalhassem e, é claro, não podiam ser queimadas pelos métodos convencionais. Em breve se descobriu que as fortes chuvaradas haviam arrastado a dioxina para o interior do solo, sendo encontrados vestígios dela em sedimentos nos leitos dos rios.



STERN/BLACK STAR

Uma das crianças atacadas de cloracne, em tratamento

Três meses após o acidente, começaram a aparecer os primeiros sintomas de cloracne (quistos amarelados, pústulas, abscessos, grandes extensões de pontos negros conhecidos por comedões), que se juntaram às lesões anteriormente causadas pelo envenenamento com triclorofenol. Os casos confirmados elevavam-se a mais de 40, incluindo a Sra. Zorzi e os Cassios.

Foram experimentados vários óleos e pomadas. Em algumas vítimas usou-se creme de cortisona, seguido de máscaras com orifícios para a boca e os olhos. Efetuaram-se alguns enxertos de pele.

A 10 de outubro, a irritação das famílias deslocadas chegou a tal ponto que a sua indignação não se conteve. Pôs-se de lado o que era razoável. Foram assaltados dois ônibus, e os motoristas obrigados a conduzir os veículos, carregados de manifestantes, até a estrada para Seveso. Atrás dos ônibus ia uma caravana de automóveis – ao todo aproximadamente 500 residentes desesperados.

Às 8:30 da manhã, os ônibus aproximaram-se do desvio para Seveso. Duas sentinelas armadas bloqueavam o acesso. O primeiro ônibus, levando consigo muitas crianças, parou e os garotos desceram. Com alguns homens a orientá-los, dirigiram-se para as sentinelas. Estas afastaram-se sem opor reação. Rapidamente alguns manifestantes desmantelaram as barricadas, colocando-as no meio da estrada. Daí a pouco, o tráfego de Milão para Como estava retido, num engarrafamento que se prolongava por vários quilômetros.

Depois, os ônibus e o grosso da caravana passaram através da Zona A e dirigiram-se para a prefeitura. O prefeito Rocca saiu para recebê-los, mandando retirar a polícia. «Não quero que seja usada a força contra meus concidadãos», disse. «Já sofreram bastante.»

As autoridades regionais chegaram mais tarde de Milão. O secretário da Saúde insistiu com aquela gente para que voltasse para os hotéis. Outro funcionário preveniu-a do grave risco que corria ao passar pela Zona A. Houve discussões, houve pedidos. Por parte dos funcionários, fizeram-se promessas quase impossíveis de cumprir, mesmo com a melhor boa vontade.

Lentamente, alguns dos manifestantes começaram a retirar-se. Passaram de novo pela Zona A. De súbito, os carros pararam e seus ocupantes desceram. Correram através dos gramados cheios de dioxina em direção a suas casas. Nenhum deles levava roupa de proteção. Aquilo não fazia parte de qualquer plano; era uma expressão de profunda frustração e amargura.

Alguns deles barricaram-se em suas próprias casas. Um casal parou simplesmente e, em silêncio, olhou para sua casa. Depois, dirigiu-se pelo lajeado até a garagem. No chão, estava uma chave de parafusos e, junto dela, uma máquina de cortar grama. Dentro da garagem, um saco de batatas em cima de uma prateleira, com as batatas grelando. Nada tinha mudado.

Alguns haviam levado cestos de piquenique. Comeram com alegria quase histérica em suas salas de jantar. Os vizinhos visitaram-se uns aos outros como no passado, cumprimentando os amigos como se nada tivesse acontecido nos últimos 93 dias. Gradualmente, porém, a alegria foi desaparecendo, e come-



JEAN-PIERRE MOUTIN/GAMMA-LIAISON

*Por trás do arame farpado, estende-se a «cidade fantasma» da Zona A*

çaram a regressar aos hotéis – um trágico grupo, aterrorizado e em desespero, cujo futuro ninguém conhecia.

### **Primavera silenciosa**

EM JANEIRO de 1977, nasceram seis crianças de mães que habitavam nas zonas contaminadas. De início, parecia não haver problemas, mas depois uma das seis crianças foi levada às pressas para um hospital em Pavia. Uma operação cirúrgica revelou um aparelho intestinal profundamente deformado. Haveria alguma ligação com a dioxina? Médico nenhum podia realmente dizer com certeza. Tinham sido necessários mais de quatro anos e milhares de análises para demonstrar que a talidomida causava deformidades congêntas, e, neste caso, as estatísticas de nada serviam.

Em fevereiro, Genoveffa Senno, de 56 anos, morreu de câncer do pâncreas. Tinha vivido com sua família na Zona A, perto dos Zorzis e dos Cassios. Seus netos foram dos mais atingidos pelo cloracne – tão cheios de pústulas e comedões que tinham o rosto e a cabeça envoltos em máscaras de plástico branco. Iria a autópsia de Genoveffa revelar a presença de dioxina?

Surgiram outros sinais ameaçadores. Apareceu cloracne em larga escala (130 casos confirmados), não apenas entre as crianças das zonas contaminadas, mas entre as que viviam fora delas.

Foram mandadas fechar todas as escolas de Seveso para uma limpeza completa. Encontraram-se resíduos de dioxina em dois locais. Suspeitou-se de que os alunos que viviam junto das Zonas A e B transportassem dioxina nas solas dos sapatos.

Em princípios de março, surgiu outra má notícia. A autópsia de Genoveffa Senno revelara a presença de dioxina no fígado, embora não tivesse sido esta a causa que lhe provocou a morte.

À medida que a primavera chegava à região da Lombardia e as amoreiras e figueiras começaram a florir, não se notava à volta de Seveso a alegria própria da estação. A maioria das famílias de retirantes tinha encontrado alojamentos em Cesano Maderno e em outras povoações próximas, mas poucas esperanças restavam para muitas delas (inclusive os Zorzis e os Cassios) de algum dia regressarem às casas que tinham construído, às custas de tantos sacrifícios, com suas próprias mãos\*.

Na Zona A, agora deserta, por trás do arame farpado, técnicos vestidos de branco andavam de um lado para o outro com grandes aspiradores, absorvendo a camada superior do solo nos jardins e quintais. Usavam modelos menores para descontaminar as residências. Foram mandadas para análise laboratorial amostras de poeira, solo, etc.

---

\* Serão construídas novas casas para elas, mas só estarão prontas em 1979.

As pessoas continuavam a sentir-se angustiadas pela falta de notícias. No dilema entre o desejo de serem francas e a necessidade de se evitar o pânico, as autoridades sentiam-se igualmente angustiadas.

De repente, em meados de abril, foi descoberta dioxina em 15 fábricas da Zona B, em Cesano Maderno. Essas fábricas foram imediatamente fechadas dez dias para desintoxicação. Depois, em maio, foram encontradas importantes concentrações de dioxina em Meda, a norte das zonas que tinham sido demarcadas como contaminadas. Deu-se ordem imediata para que a área fosse descontaminada. Teriam falhado todas as tentativas para deter o veneno mortal?

As autoridades anunciaram que esperavam completar a descontaminação de um terço da Zona A, permitindo que um terço das famílias retiradas regressasse a suas casas ainda em 1977. Foi criado um serviço regional para coordenar todos os esforços de recuperação. No entanto, correm muitos boatos, e as pessoas estão mais confusas do que nunca. Por quanto tempo irá prolongar-se a primavera silenciosa de Seveso? Ninguém parecia capaz de responder com certeza.

---

Você alguma vez teve de trocar um pneu na estrada? Os japoneses inventaram um novo tipo de macaco, chamado «Bull Bag», que simplifica muito esse trabalho. A gente só precisa ligar o tubo do Bull Bag à saída do escape e, em 30 segundos, sua câmara está cheia – e o carro, afastado do chão. Esses macacos podem levantar carros de até três toneladas.